

Autobiografia, realidade e ficção: a *construção do eu a partir de uma* *leitura comparativa de* *O* *amanuense Belmiro e A menina do* *sobrado*

Aliny Santos Justino⁸

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Recebido em: 01/04/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

O foco de nossa análise será a relação entre realidade, ficção e imaginário, que se estabelece a partir da comparação entre as duas obras de Cyro dos Anjos. Num primeiro momento, trataremos da relação entre *O amanuense Belmiro* (1937) – um romance ficcional – e *A menina do sobrado* (1979) – livro de memórias – assinalada de forma resumida pelo mapeamento comparativo que realizamos – incluindo o aporte teórico de Phillipe Lejeune. Num segundo momento, adotaremos a perspectiva do processo de ficcionalização, formulada por Wolfgang Iser, para remeter às transformações decisivas em *O amanuense Belmiro* de um conjunto de aspectos presentes em *A menina do sobrado*. Desse modo, procuramos evidenciar que o perfil do narrador das memórias converge na constituição do perfil de Belmiro – narrador personagem do romance –, sendo que as discrepâncias que o romance impôs com relação às memórias possuem o objetivo de ampliar a dimensão dos conflitos. Assim, as transformações ficcionais que apontaremos visam mostrar os aspectos que permeiam a construção ficcional a partir de elementos do real.

Palavras-chave

Autobiografia. Ficção. Real.

⁸ Professora de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: alinyufv@gmail.com.

Introdução

Todas as narrativas que possuem como elemento norteador a sondagem da subjetividade têm em comum a análise das experiências vividas por um determinado ser, bem como a exploração de um eu, uma análise de si mesmo. Este processo introspectivo pode servir de material para que um autor construa um cenário para a narrativa de suas próprias experiências ou das experiências de um personagem. Muitas são as narrativas introspectivas em que o “eu” que narra é o “eu” que age, corroborando o que Philippe Lejeune (2008) define como literatura íntima. No entanto, nem sempre há uma relação explícita da identidade entre autor e narrador – o que elucidaremos mais adiante, quando adentrarmos com maior ênfase no texto de Lejeune (2008). Nesse amplo espectro, estão as confissões, as memórias, a autobiografia e até mesmo a ficção.

O amanuense Belmiro (1937) possui aspectos em comum com estas narrativas introspectivas. Nesse romance, a elaboração intimista dá-se através da valorização do indivíduo por meio da análise de um sujeito “fictício” e de suas nuances. Tomando esse viés, atentamos para o fato de que *O amanuense* constitua-se, em boa parte, da ficcionalização de situações narradas como autobiográficas em *A menina do sobrado*. Dessa forma, a dimensão autobiográfica, em suas manifestações rigorosamente distintas, constitui o vínculo entre as duas obras.

Este vínculo pode ser estabelecido a partir da elaboração de um mapeamento comparativo das duas obras, que consistiu em estabelecer um quadro que concentrasse personagens, situações, episódios e ambientes, tanto pelo romance quanto pelas memórias. Tendo como elemento central o narrador-personagem das duas obras, tornou-se possível estabelecer, a partir de certas convergências entre episódios do livro de memórias e do romance, as diferenças decisivas que permitem identificar, até certo ponto, a elaboração ficcional e a transformação de episódios contidos nas memórias.

Nosso intuito é o de mostrar a relação concreta entre *O amanuense Belmiro* (romance) e *A menina do sobrado* (memórias) para evidenciar como o romance baseia-se em situações que, mais tarde, foram narradas nas memórias, estabelecendo uma confluência de ordem geral na caracterização das personagens e da situação familiar. Esse mapeamento – que constitui uma contribuição original do trabalho que desenvolvemos – mostra, através dessa confluência básica, as semelhanças dos personagens e situações, as dissonâncias inerentes dentro desses aspectos semelhantes, e as discrepâncias entre as situações do romance e das memórias. Discrepâncias que serão entendidas como alterações ficcionais dos dados

memorialísticos, tendo em vista a consideração da personagem de Belmiro. Pode-se dizer que como um todo, o mapeamento enfatiza essa transformação ficcional. Deste modo, o romance mantém certas situações autobiográficas reelaborando-as. Esse mapeamento visa mostrar concretamente como se manifesta em *O amanuense Belmiro* a relação entre romance (ficção) e memória.

Começaremos nossa análise por *O pacto autobiográfico* e as diferenças estabelecidas por Philippe Lejeune entre a autobiografia e o romance autobiográfico. De acordo com o autor, para que um texto seja considerado autobiografia é necessário que haja uma identidade assumida entre autor e personagem. (LEJEUNE, 2008, p.15). Em contraposição, existem textos em que a relação autor-personagem não é claramente assumida e, nesse caso, Lejeune os classifica como romance autobiográfico, isto é: “[...] textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e personagem, mas que o autor escolheu negar essa identidade, ou pelo menos, não afirmá-la.” (LEJEUNE, 2008, p. 25, grifo do autor).

Nesse sentido, o romance autobiográfico pode apresentar variações de grau, em que as semelhanças que o leitor consegue apreender podem ser leves ou plenas. A uniformidade desses gêneros reside no fato de que, tanto a autobiografia como o romance autobiográfico, possui em sua estrutura interna o claro intuito de nos fazer crer na autenticidade de seus relatos. Lejeune também aponta a existência de um pacto autobiográfico, que consiste num compromisso que o autor assume com o leitor e que se baseia na credibilidade, por parte do leitor, de que autor, narrador e protagonista da história contada sejam a mesma pessoa, ou melhor, o autor seria ele próprio um texto. Sendo assim, “o pacto autobiográfico pressupõe a existência de uma verdade externa, anterior ao texto, que este poderia ‘copiar’” (LEJEUNE, 2008, p. 103). Na presença de um pacto autobiográfico, que pode se manifestar de diversas formas, temos a autobiografia em sentido estrito.

É importante notar que as definições de Lejeune a respeito da existência do pacto autobiográfico denotam a importância da recepção textual e do papel que o leitor desempenha nesse processo em que passa a ser a figura central. A relevância das formas de contrato que configuram o pacto recai na atitude do leitor, pois é ele quem vai decidir o modo de leitura que será empregado. Sendo assim, “diante de uma narrativa de aspecto autobiográfico, a tendência do leitor é, frequentemente, agir como cão de caça, isto é, procurar as rupturas do contrato (qualquer que seja ele)” (LEJEUNE, 2008, p. 26). Não resta dúvida de que a autobiografia transita por estas possibilidades: quando existe o contrato explícito e quando ele é velado ou deturpado. A estratégia utilizada pelo autor pode direcionar a interpretações

diversas de acordo com cada leitor, e essas interpretações podem extrapolar a própria estratégia do texto; em suma, as leituras e os modos de leitura são diversos.

As reflexões de Lejeune nos levam a um enquadramento inicial de *O amanuense Belmiro*. Nesse sentido, Lejeune também chama a atenção para outro modelo de pacto, direcionado ao gênero romance, em que existe o compromisso explícito da não identidade entre autor e personagem, bem como a garantia da ficcionalidade concedida pelo uso de sua definição como romance. Nesse sentido, o mapeamento comparativo entre *O amanuense Belmiro* e o relato memorialístico de *A menina do sobrado* mostra toda sua pertinência e pode ser integrado a essa observação decisiva de Lejeune. Para o autor, esse pacto romanesco só poderia estar relacionado ao romance, enquanto que o pacto autobiográfico destina-se à narrativa autobiográfica, posto que essa seja indeterminada.

Outra discussão apresentada por Lejeune deve-se à referencialidade dos textos autobiográficos, em oposição aos textos ficcionais. Para ele, as referências são dadas com o objetivo de que esses textos possam ser submetidos a verificações. Dessa forma, comportam a existência de um pacto referencial, que pode ser assumido explicitamente ou implicitamente. A importância reside mais na crença que esses elementos autobiográficos induzem do que nas suas verificações. Sendo assim, o pacto referencial pode ser mal cumprido – não atendendo a uma semelhança estrita –, o importante é que ele continue a ter um valor referencial. Logo, essa possibilidade de mau cumprimento do pacto referencial dá à narrativa autobiográfica um meio de introdução de elementos fictícios. A partir disso, surge a crença ilusória, segundo Lejeune, de que o romance é mais verdadeiro do que a autobiografia.

Ora, se o romance é movido por um pacto que assume um compromisso de ser mera ficção, se o leitor consegue desvelar o indivíduo que está ali retratado, tem-se um gênero mais verdadeiro que a autobiografia. As verdades que rondam o sujeito que escreve e que sombreiam o texto sem que este se dê conta, se são desveladas a despeito do autor, fornecem ao romance um status de “verdade”, caracterizando o que Lejeune nomeia de pacto fantasmático. Pois, dessa forma: “O leitor é assim convidado a ler o romance não apenas como ficções remetendo a uma verdade da ‘natureza humana’, mas também como fantasmas reveladores de um indivíduo” (LEJEUNE, 2008, p. 43, grifos do autor).

Não obstante, Lejeune (2008, p. 61) questiona: “e quem pode afirmar onde termina, dependendo da época e do tipo de leitor, a transparência e a verossimilhança, e onde começa a ficção?”. É difícil definir de forma assertiva, pois a linha que separa autobiografia e ficção é frágil e por isso surgem tantas relações ambíguas. Todos esses questionamentos só corroboram a riqueza da diversidade de estratégias da escrita narrativa, sobretudo, as que

engendram uma relação de proximidade com a vida. Ao resolver não deixar explícita a nomenclatura autobiográfica, a estratégia sugerida pelo autor, talvez, seja a de criar essas ambiguidades.

Uma autobiografia em sentido estrito, que pretende contar a verdade de um “eu”, é uma quimera. Portanto, segundo Lejeune (2008 p. 65-6), “dizer a verdade sobre si, se constituir um sujeito pleno, trata-se de um imaginário”. E, ao mesmo tempo, a ficção que pretende ser a invenção de um eu é, de certa forma, algo que não pode ser completamente atingido, pois o eu estilizado não é um eu inventado. Sob esse aspecto, mesmo a ficção não é uma história inventada. Por essa razão é que, como veremos adiante, Wolfgang Iser vai defender a existência de uma relação triádica entre realidade, ficção e imaginário no discurso ficcional, pois dessa forma encerram-se tais interpretações dicotômicas entre o fictício e o real.

Essas relações apontadas e discutidas por Lejeune desencadeiam algumas reflexões a respeito da obra que nos propusemos a analisar. Algumas leituras críticas acerca do *Amanuense* chegaram a apontar a presença de uma série de aspectos autobiográficos. Em seu estudo sobre a recepção crítica desse romance, Ana Paula Franco Nobile (2005) realiza um apanhado geral dessas leituras autobiográficas. Para a autora, por tratar-se de uma narrativa em primeira pessoa, um diário incorporado pelo romance, a crítica inicial circundava em torno da indecisão entre defini-la como autobiografia ou romance. Outro aspecto que corroborou a leitura autobiográfica foi a citação do autor francês Georges Duhamel logo na epígrafe do romance.

Para muitos, essa epígrafe era, de fato, a indicação de que Cyro daria ao *Amanuense* muito de sua própria vida; ou ainda, seria a indicação de que o romance trataria, assim como o de Duhamel, de memórias imaginárias, portanto, seriam projeções da vida do autor, na vida de seu personagem. Além disso, Nobile aborda a pertinência de Antônio Candido em apontar elementos biográficos da vida de Cyro, ao analisar uma obra intitulada *Histórias da família Versiani*, publicada em 1944, da autoria de Ruy Veloso Versiani dos Anjos, irmão de Cyro. O próprio Cyro vem a corroborar a proposição de Candido a esse respeito, em entrevista citada por Nobile:

Ainda que as situações psicológicas e sentimentais de Belmiro não fossem exatamente as de quem escrevia e passava para o papel, eram já um “romanceamento” de um personagem em que entrou muita coisa da vivência do autor: filosofia de vida, um pouco de ceticismo manso, recordações sentimentais, tendências afetivas, lados de sua natureza humana, do seu temperamento, ideias, emoções. E foi desse esboço involuntário, declara o escritor, que sairia O amanuense Belmiro. (NOBILE, 2005, p. 37)

A partir da declaração do próprio romancista, muitas leituras críticas pautaram-se pela visualização da relação entre o autor e o personagem. De acordo com Málaque (2008), o fato de *O amanuense* ter sua gênese nas crônicas, “gênero cujas fronteiras entre realidade e ficção são bastante tênues” (MÁLAQUE, 2008, p. 38), corrobora esse viés. Essas crônicas foram escritas pelo autor e publicadas em diversos jornais sob o pseudônimo de Belmiro Borba, mesmo nome dado ao narrador do romance. Para Málaque, “o intuito aqui é apontar para uma fonte de criação que, no caso de Cyro dos Anjos, é muito frequente. Esse autor parte constantemente das próprias experiências para, sobre elas, ficcionalizar.” (MÁLAQUE, 2008, p.38).

Sendo assim, como o cronista se vale de acontecimentos do cotidiano para, a partir deles, engendrar a ficcionalização de uma série de situações reais, logo, se viu a possibilidade de o protagonista do *Amanuense* ser o reflexo das posturas de Cyro dos Anjos, até mesmo no que se refere ao próprio engajamento intelectual e político. A esse respeito, apontamos para os elementos autobiográficos que permeiam o romance e que partiram de uma argumentação que se sustenta na comparação entre os elementos de *A menina do sobrado*, assertivamente autobiográfica, e do próprio *Amanuense*.

Nela, fica claro que não só os aspectos da vida do autor – cidade, família, amores e amigos – mas, também, as posturas intelectuais, políticas e filosóficas da Belo Horizonte dos anos de 1930, encontram correspondência no romance; mas, são ao mesmo tempo alteradas de forma relevante e amplamente significativa para se integrarem ao desenvolvimento da trama do romance e adquirirem um aspecto problemático, que se distinguem nitidamente do tratamento que têm em *A menina do sobrado*. A apresentação que faremos da teorização de Wolfgang Iser, sobre os atos de fingir tem o propósito limitado, como iremos esclarecer, de entender as diferenças decisivas entre o romance e o livro de memórias como caracterizados da dimensão de ficcionalidade de *O amanuense Belmiro*.

Sendo assim, procuraremos entender o processo de ficcionalização de *O amanuense Belmiro*, com base na transformação operada de um conjunto de aspectos de *A menina do sobrado*. Para maior clareza do caráter restrito da aproximação que tentaremos fazer, assinalaremos uma série de ressalvas, que se impõem nessa aproximação. Em *Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*, Iser propõe uma ampla discussão sobre os atos de fingir que permeiam os discursos ficcionais. Para o autor, a opinião largamente disseminada de que o texto literário é de natureza ficcional e que o texto não literário refere-se à realidade, necessita ser revista.

Essa opinião contribui para a existência de um saber implícito, em nossa cultura, de que verdade e ficção são dois polos que se opõem fortemente. Iser contesta tal raciocínio, revelando o quão é questionável a oposição entre aquilo que é verdadeiro e aquilo que não o é. A oposição entre verdade e ficção não é suficiente para a descrição do que seja um texto ficcional, pois os textos ficcionais podem conter elementos de verdade, assim como os textos que não o são, podem conter elementos ficcionais. Com isso, é impossível isolar ficção e realidade, pois esses dois elementos estão intrinsecamente ligados no discurso ficcional. É com base nessa crítica que Iser propõe uma relação ternária, constituída por real, fictício e imaginário para caracterizar “uma propriedade fundamental do texto ficcional”. É a relação entre a realidade e sua repetição pelo ato de fingir, que exige a participação do imaginário:

Sem esgotar-se na referência à realidade, a repetição da realidade pelo ato de fingir manifesta finalidades que não ‘pertencem não à realidade repetida’. É esta característica que faz emergir o imaginário. Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele então surge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto. Define-se a ‘marca própria’ do ato de fingir que engendrando a repetição no texto da realidade vivencial, vai conferir, devido a esta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade repetida se transforma em signo e o imaginário em efeito do que é assim referido. (ISER, 1983, p. 385-6, grifo nosso)

Configura-se, portanto, outra transgressão de limites que diverge daquela que já foi assinalada antes, da realidade repetida no texto. Nessa, como diz Iser (1983, p. 387), “a conversão da realidade vivencial repetida em signo doutra coisa, a transgressão de limites manifesta-se como uma forma de irrealização”. Agora, “na conversão do imaginário que perde seu caráter difuso em favor de uma determinação, sucede uma realização (ein Realwerden) do imaginário” (ISER, 1983, p. 387). Para os nossos propósitos, é o momento de passar aos processos que distinguem os “atos de fingir”: a seleção, a combinação e o autodesnudamento.

A seguir, Iser caracteriza a seleção, a combinação e o autodesnudamento como as três operações básicas dos “atos de fingir” e aponta sua diferenciação funcional. Vamos resumi-las, tendo em vista o interesse que dirige essa recapitulação desses conceitos. No seu trabalho de tematizar o mundo, a seleção atua sobre o texto e o contexto, ao incorporar os elementos do mundo extratextual preexistente, que serão absorvidos pelo texto. Desvinculando os elementos do real, da “estruturação semântica ou sistemática dos sistemas de que foram tomados” (ISER, 1983, p. 388), consoma uma transgressão ao deslocar os elementos do real e sua inserção. Esses dois aspectos dizem respeito tanto às normas e aos valores, quanto às citações e às alusões.

A combinação atua sobre o texto, criando os relacionamentos entre os diversos elementos intratextuais, que são recombinações numa nova articulação. Diz respeito, portanto, às combinações do significado verbal, ao mundo introduzido no texto e aos esquemas que organizam os personagens e suas ações. Manifesta, assim, a característica básica do ato de fingir: a transgressão de limites. Iser (1983, p. 397) resume a seleção e a combinação com base na transgressão de “limites entre texto ou contexto, ou seja, à transgressão dos campos de referências intratextuais”. O desnudamento da ficcionalidade é referido por Iser como “característico da literatura em sentido lato, que se dá a conhecer como ficcional, a partir de um repertório de signos” (ISER, 1983, p. 397). De acordo com o crítico, tal desvelamento do discurso ficcional é importante para o “reconhecimento da importância da ficção para a constituição do nosso acesso ao mundo” (ISER, 1983, p. 398-9).

Esse desnudamento tem uma consequência de importância decisiva, uma vez que “todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um ‘como se’” (ISER, 1983, p. 400). Assim, o mundo representado não pode ser entendido como o “mundo dado”. O “ato de fingir”, propiciado pelo processo do “como se”, dá ao receptor a oportunidade de reconhecer esse mundo irreal como um mundo análogo e, dessa maneira, identificável empiricamente. Ao mesmo tempo em que o texto remete, por este deslocamento, à relação com o mundo e com o homem, seu foco deve estar na sua concretização receptiva – quando já constituído como ficção; ou seja, na interação com o leitor.

Outro aspecto fornecido pelo “como se” tem relação direta com a recepção textual, pois “fica claro que a ficção do “como se” utiliza o mundo representado para suscitar reações afetivas nos receptores dos textos ficcionais” (ISER, 1983, p. 405). Firma-se um contrato entre autor e leitor de que o ficcional deve ser recebido como “discurso encenado”. Nesse momento, encontramos uma semelhança com o pressuposto de Lejeune, pois ambos argumentam sobre a importância que o leitor assume nesse processo, pois é dele que depende o modo de leitura a ser empregado.

Como já dissemos, essas formulações de Iser podem nos conduzir ao que podemos chamar de processo de ficcionalização, em *O amanuense Belmiro*, de situações, ambientes e pessoas de *A menina do sobrado* e do “pacto de referencialidade”, em que se baseiam. Um dos elementos em que podemos entender esse processo é o ambiente, ou melhor, as cidades em que, tanto o narrador do romance quanto o narrador das memórias, ambientam as suas narrativas. Em *O amanuense*, temos Vila Caraíbas e Belo Horizonte e, em *A menina do sobrado*, Santana do Rio Verde e Belo Horizonte. Há uma convergência entre os relatos, porém, permanece evidente que as transformações ficcionais que o romance elabora partindo

das memórias são no intuito de reforçar a relação de oposição existente entre um mundo reconfortante, que está no passado, e um mundo repleto de conflitos e altercações, que representa o presente.

Desse modo, a personagem de Belmiro adquire também um caráter problemático. A construção narratológica de Vila Caraíbas parte da construção de Santana, assim como a Belo Horizonte do romance parte da construção da Belo Horizonte das memórias. As discrepâncias que o romance impõe com relação às memórias possuem o objetivo de ampliar a dimensão dos conflitos. Assim sendo, enquanto o narrador das memórias fixa uma oposição entre cidade natal e a capital em um nível mais físico, sendo a primeira representada pela monotonia e estagnação e a segunda pelo movimento, o narrador do romance apresenta essa oposição em um nível interno e problemático, em que a cidade natal representa o mundo idílico e reconfortante da infância e a capital prefiguram a inquietação e o conflito que marcam a vida adulta.

Outro elemento que observamos no decorrer do mapeamento comparativo refere-se à concepção de amor empreendida pelos mesmos. Enquanto o narrador das memórias empreende atitudes mais efetivas na esfera amorosa ao longo da vida, inclusive casando-se, o narrador do romance permanece inerte e preso à contemplação aliada à imaginação de uma figura mítica, sendo incapaz de empreender qualquer atitude. Não resta dúvida de que o sentimento amoroso que o move, encontra sua ampla teorização nos relatos do narrador das memórias. Não obstante, as transformações ficcionais dos perfis femininos que o cercam corroboram a perspectiva de intensificar a devastação interior sofrida pelo amanuense.

Para maior clareza do caráter restrito da aproximação que tentaremos fazer, assinalaremos uma série de ressalvas que se impõem para essa aproximação. É assim que poderemos formular, com as devidas precauções, um modo de correlação entre os conceitos desenvolvidos por Iser e as transformações realizadas no romance de Cyro dos Anjos, que já aludimos.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer as diferenças notórias, existentes entre a dinâmica de inter-relação entre as categorias estabelecidas por Iser, de um lado, e os contrastes traçados empiricamente entre um livro de memórias e um romance, de outro lado. Assim é que, por exemplo, não procuramos sequer investigar o que poderia corresponder pontualmente ao real, ao imaginário e à ficção, na transformação operada pelo romance. Nem podemos tomar, por exemplo, como equivalentes, a construção de *A menina do sobrado* e a categoria de realidade empregada por Iser. Nesse caso, estaríamos também incidindo no equívoco apontado por Iser, a propósito da oposição preconcebida e ingênua entre realidade e

ficção. Também não poderíamos cair no erro de atribuir às memórias de *A menina do sobrado* uma ausência de aspectos ficcionais, pois como Wolfgang Iser nos faz ver:

A oposição entre realidade e ficção faz parte do repertório elementar de nosso ‘saber tácito’, e com esta expressão, cunhada pela sociologia do conhecimento, faz-se referência ao repertório de certezas que se mostra tão seguro a ponto de parecer evidente por si mesmo. É entretanto discutível se esta distinção, por certo prática, entre textos ficcionais e não ficcionais, pode ser estabelecida a partir da oposição usual. Os textos ficcionados serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão de fatos isentos de ficções? (ISER, 1983, p. 384)

Ainda assim, o recurso à teorização de Iser não fica invalidado, desde que a compreendamos em seu caráter restrito. Desse modo, podemos começar pelas caracterizações das cidades: as referências a Belo Horizonte que representa o presente e à Vila Caraíbas, que representa o passado no Amanuense, partem dos elementos reais da vida do autor – da sua infância em Montes Claros e de seu estabelecimento na vida adulta em Belo Horizonte – que, por sua vez, são transpostos nas memórias de *A menina do sobrado*, onde as referências são à Santana do Rio Verde da infância e à cidade de Belo Horizonte da vida adulta.

Dessa forma, as transformações ficcionais do romance partem das memórias – que contêm os dados autobiográficos com algum “toque ficcional” – e têm por objetivo, reforçar a relação de oposição existente entre um mundo reconfortante que está no passado e um mundo repleto de conflitos e alterações, que representa o presente. Desse modo, a personagem de Belmiro adquire, também, um caráter problemático. Do mesmo modo, são desenvolvidos os outros elementos. Com relação aos perfis femininos e à concepção de amor presentes no romance, é notório que eles também partem de dados autobiográficos, que estão presentes nas memórias. Na ficcionalização proposta pelo romance, o sentimento amoroso que constrói o protagonista, encontra sua ampla teorização nos relatos do narrador das memórias. Não obstante, as transformações ficcionais dos perfis femininos que o cercam corroboram a perspectiva de intensificar a devastação interior sofrida pelo amanuense. O narrador das memórias mostra-se capaz de lidar com a vida amorosa e chega a casar-se, Belmiro está condenado a permanecer prisioneiro da idealização mítica de uma figura feminina do passado e imerso em devaneios, incapaz de qualquer ação na esfera amorosa.

A estrutura familiar possui a mesma correlação. Assim, as transformações ficcionais empreendidas pelo romance têm como resultado ressaltar as oposições que caracterizam os conflitos com a realidade representada e com o mundo interior do amanuense. Nesse caso, a elaboração das irmãs do amanuense como sendo mais velhas, sem instrução, de difícil gênio e convivência, acentua e reforça as alterações que configuram a cidade e o

presente de Belmiro; mas, não somente. Esses aspectos emprestam uma tensão única à situação familiar no romance e acrescentam mais uma dimensão de conflito para Belmiro.

Sobre as relações de amizade que cercam Belmiro, vemos que a importância que assumem para o narrador-personagem também encontra correspondência nas memórias e, do mesmo modo, caracterizam o perfil biográfico do autor. Por fim, o perfil psicológico do narrador-personagem do romance converge até certo ponto com a caracterização do perfil do memorialista de *A menina do sobrado*. Ainda neste ponto, a diferença impõe-se de maneira relevante, pois a personagem de Belmiro é determinada por uma inibição, que amplia de modo catastrófico, a inibição do narrador das memórias. Outro aspecto divergente e de grande significação – a inexistência do ócio burocrático das memórias, que não fora incorporado pelo romance – foi construído com o objetivo claro de transformar ficcionalmente o amanuense num ser ainda mais conflituoso. Sendo assim, em *O amanuense*, inscreve-se um processo de ficcionalização de elementos que fazem parte das alusões ao mundo factual, vivido em *A menina do sobrado*.

Para concluir, utilizamos uma série de qualificativos para caracterizar as diferenças que dão a *O amanuense Belmiro* um caráter decisivamente ficcional. Assim, falamos “em discrepâncias que serão entendidas como alterações ficcionais dos dados memorialísticos”, “discrepâncias que o romance impõe com relação às memórias” com “o objetivo de ampliar a dimensão dos conflitos”, aspectos que emprestam tensão e acrescentam mais uma dimensão de conflito para Belmiro (referência à situação familiar em *O amanuense Belmiro*), problematização/caráter problemático, engendramento ficcional, transformação ficcional, elaboração ficcional, ficcionalização e configuração ficcional. Todas essas denominações visavam um conjunto de alterações, que abrangem características semânticas e maneiras de determinar os personagens e suas ações. Desse modo, nos aproximamos, a grosso modo, e, empiricamente, de traços definidores que envolvem a seleção e a combinação. Com a diferença irreduzível de que essas alterações referem-se estritamente ao que separa o relato memorialista de *A menina do sobrado* e o romance.

Cyro dos Anjos recria, em *O amanuense*, a realidade de um indivíduo, imerso em sua própria solidão. Solidão esta que reflete não apenas a solidão sentida pelo próprio autor, e cuja leitura de *A menina do sobrado* nos leva a compreender. A partir da nossa leitura comparativa entre *A menina do sobrado* e *O amanuense Belmiro*, foi possível estabelecer uma série de convergências entre episódios do livro de memórias e do romance, além das diferenças decisivas que nos permitiram identificar, até certo ponto, a elaboração ficcional e a transformação de episódios contidos nas memórias.

Através da análise dos seguintes elementos: a cidade, os perfis femininos e a concepção de amor, a estrutura familiar e os amigos, vimos que todos são de suma importância para a construção do perfil psicológico dos narradores. Desse modo, o perfil do narrador das memórias converge na constituição do perfil de Belmiro, sendo que as discrepâncias que o romance impôs com relação às memórias possuem o objetivo de ampliar a dimensão dos conflitos, como assinalamos. Todas essas transformações ficcionais que apontamos foram relacionadas à nossa discussão sobre os aspectos que permeiam a construção ficcional a partir de elementos do real.

Referências:

ANJOS, C. dos. **O amanuense Belmiro**. 16. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2001.

_____. **A menina do sobrado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

CANDIDO, A. Estratégia. In: ANJOS, C. dos. **O amanuense Belmiro**. 16. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2001, p. 13-18.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, L. C. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2. p. 384-416.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MÁLAQUE, K. M. S. **Lições da borboleta: a trajetória do cronista-amanuense Belmiro Borba**. São Paulo: Unesp, 2008.

NOBILE, A. P. F. **A recepção de crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)**. São Paulo: Annablume, 2005.

**AUTOBIOGRAPHIE, RÉALITÉ ET FICTION: LA CONSTRUCTION DU
MOI À PARTIR D'UNE LECTURE COMPARATIVE DE *O AMANUENSE*
BELMIRO ET *A MENINA DO SOBRADO***

Resumé

L'objet central de notre analyse sera la relation établie parmi la réalité, la fiction et l'imaginaire à partir de la lecture comparative entre deux oeuvres de Cyro dos Anjos. D'abord il s'agit de montrer la relation entre *O amanuense Belmiro* (1937) – un roman de fiction– et *A menina do sobrado* (1979), livre de mémoires. Ce rapport sera assinalé de façon résumée à travers la lecture comparative dont la théorie de Phillippe Lejeune est incluse. Deuxièmement, nous inclurons la perspective du processus de fictionalisation de Wolfgang Iser pour que nous puissions remettre les transformations décisives de *O amanuense Belmiro* d'un ensemble d'aspects présents dans *Menina do Sobrado*. En bref, il s'agit de mettre en évidence la convergence entre le profil du narrateur des mémoires et la constitution du profil de Belmiro – narrateur personnage du roman. Les divergences imposées par le roman par rapport aux mémoires ont pour objectif amplifier la dimension des conflits de Belmiro. Par conséquent, nous mettrons en valeur le processus de construction de la fiction à partir des éléments du réel.

Mots clés

Autobiographie. Fiction. Réel.